Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano

Alípio de Sousa Filho*

1. Introdução

Michel de Certeau nasceu em Chambéry em maio de 1925. Após sua formação em filosofia, letras clássicas, história e teologia, ingressa na Companhia de Jesus e torna-se padre em 1956. Permanece jesuíta até o final de sua vida. Estudioso dos textos místicos da Renascença à Idade Clássica, Michel de Certeau se interessará tanto pela história como pela antropologia, lingüística e psicanálise. Participou da Escola Freudiana de Paris, desde sua fundação, em 1964, por Jacques Lacan, até sua dissolução em 1980. Ensinou na Universidade de Paris VIII - Vincennes, de 1968 a 1971, nos departamentos de psicanálise e história, depois na Universidade de Paris VII - Jussieu, nos departamentos de antropologia e ciências das religiões, onde dirigiu, de 1971 a 1978, um seminário de antropologia cultural. De 1978 a 1984, foi professor da Universidade da Califórnia, em San Diego. Em 1984, foi nomeado para ensinar e orientar estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde ofereceu curso sobre o tema "Antropologia histórica das crenças – séculos XVII e XVIII". Ele morre, em Paris, em 9 de janeiro de 1986.

O autor deixou uma obra densa e coerente, embora toda a diversidade de seus objetos, tendo atravessado a maior parte dos campos de investigação das ciências humanas. A atividade multiforme de professor, conferencista, formador de pesquisadores na Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul (ele esteve no Brasil) e a diversidade de sua obra permitem apenas que, num curto artigo, ofereça-se tão somente uma visão parcial do autor e sua obra.

Michel de Certeau privilegiou, inicialmente, o século XVII como terreno de investigação – sua contribuição à análise histórica –, mas desenvolveu também pesquisas sobre o presente, deixando sua contribuição à análise sociológica. E o fez tratando de objetos que, diferentes quanto à natureza, visavam todos, ao que parece, responder a mesma questão: como pensar o "estranho" com o qual muitas vezes nos deparamos na vida coletiva, mas

* Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UFRN. Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne. Entre outros trabalhos, autor de "Medos, mitos e castigos" (Cortez), "Ensino universitário e responsabilidade intelectual" (EdUFRN), "Brésil: terre de métissages" (Paris, PUS).

também que nos habita? O discurso místico, a possessão, a bruxaria, etc. – à parte a importância histórica dos estudos – anunciavam-se como verdadeiras metáforas dos "*arts de faire*", das "*ruses*", apontadas posteriormente por Certeau como invenções cotidianas que marcam o jogo das relações com a ordem e dos indivíduos entre si. Que são as "astúcias", a arte da "trampolinagem" senão versões do "estranho" ao sistema? Mas "estranho" que nenhum homem ignora, seja na versão da experiência mística (da possessão, do êxtase, da bruxaria), seja na loucura, seja nos pequenos atos transgressivos anônimos. Se, quando trata das minúsculas situações da vida cotidiana, a atenção do autor se volta para o "homem sem qualidades" (Musil), o homem comum, ordinário, talvez seja porque o ato "estranho" da transgressão é, por esse homem, praticado sem pudor – condições da vida lhe obrigam. No meio aristocrático, entre as elites, as artes da trampolinagem são mascaradas, dissimuladas sob mil eufemismos e caras e bocas.

As análises de Michel de Certeau sobre os discursos místicos – sem nunca tê-los confinados a interpretações reducionistas (históricas, sociológicas ou psicológicas) – permitiram ao autor pensar sobre esses "estranhos" como a contínua relação do *mesmo* com o *outro* (a alteridade) no teatro dos encontros humanos e de suas instituições aceitas. Em sua obra, o interesse pelo *outro* define uma perspectiva epistemológica e um método: trata-se da procura pela "compreensão" do que não é inteligível dentro de um certo discurso social e histórico. O outro, a alteridade são chaves para a interpretação histórica e sociológica: o *outro* lança o *mesmo* nos territórios da *diferença*, rompendo o mundo calmo das certezas. O efeito é a necessidade de compreensibilidade. Novamente o método: o historiador, o antropólogo, o sociólogo, pronunciando-se de um outro lugar, afastam-se das exclusões pronunciadas outrora pela religião, pelos poderes políticos, dando estatuto epistemológico a toda ordem de "estranhos" ao sistema. Trata-se aí claramente de um Michel de Certeau que vamos poder inscrever na tradição aberta por Michel Foucault e sua história das mentalidades, com seu cortejo de loucos, monstros, anormais, prisioneiros, homossexuais.

Entre o estudo do passado e do presente, Michel de Certeau constituiu uma importante parte de sua obra analisando "as maneiras de fazer cotidianas" das massas anônimas. Deu ao "sem nome", ao "rumor sem qualidade", ao "minúsculo", ao "vivido" o estatuto de objeto científico e tornou compreensão epistemológica observações generosas sobre essa realidade, sem o medo que, ainda hoje, paralisa muitos intelectuais quando se trata de se pronunciar sobre o banal cotidiano.

Michel de Certeau não propôs nenhum sistema fechado capaz de servir de "modelo" teórico, mas análises diversificadas capazes de demonstrar que a aparente desordem das

palavras e dos atos humanos compõe cenários com profundidade e inteligíveis a observadores interessados. O mundo diário – mundo de profusão de gentes, falas, gestos, movimentos, coisas – abriga táticas do fazer, invenções anônimas, desvios da norma, do instituído, embora sem confronto, mas não menos instituintes. A minúscula invenção cotidiana vai para o título de uma de suas mais expressivas obras (*L'invention du quotidien*) como expressão talvez de sua atenção generosa com o agir do homem comum. Fundamentos de uma sociologia do cotidiano, com o que nos ocuparemos a seguir.

2. O homem comum e sua subversão silenciosa: o cotidiano no olhar de M. Certeau

Poderíamos arriscar dizer que as análises de Michel de Certeau sobre a vida cotidiana partiam de uma hipótese central: é erro supor que o consumo das idéias, valores e produtos pelos anônimos sujeitos do cotidiano é uma prática passiva, uniforme, feita de puro conformismo às imposições do mercado e dos poderes sociais. No final de um dos capítulos de *L'invention du quotidien*, o autor escreve o que poderíamos considerar uma verdadeira indicação de método: "*Il est toujous bon de se rappeler qu'il ne faut pas prendre les gens pour des idiots.*" [É sempre bom lembrar que não se deve tomar as pessoas por idiotas.] Isto é, no consumo dos bens culturais e materiais, existe sempre apropriações e ressignificações imprevisíveis, incontroláveis, modificadoras de pretensões previstas na origem, no planejamento, na idealização das coisas. As astúcias dos "consumidores" compõem uma "rede de uma antidisciplina" que, majoritária na vida social, quase sempre aparece como "resistência" ou inércia com relação às imposições sociais. Evidente, trata-se aí de homenagem a Michel Foucault na forma de um diálogo com Vigiar e Punir e suas teses sobre a *disciplina* (controle, sujeição), não como oposição a um autor a quem Michel de Certeau não ignorou, mas como complemento a uma análise que destacou magistralmente os pormenores da maquinaria infernal do poder, faltando-lhe descrever as resistências em seu próprio interior. Sem se tratar de um projeto teórico que a esse fim tenha se determinado – ainda que as referências a Michel Foucault tenham um bom lugar em "*A invenção do cotidiano*" – o certo é que Michel de Certeau se ocupou, nas pesquisas sobre o cotidiano, em demonstrar que as astúcias dos consumidores de produtos, valores, idéias, todos os produtos do mercado geral dos bens materiais e culturais (incluindo aí a própria religião), esvaziam todos as pretensões de uniformização e obediência mantidas pelos gestores da vida pública.

Assim, para o olhar certeauniano, convém se interessar não pelos produtos culturais como oferecidos no mercado dos bens, mas pelas maneiras diferentes de "marcar socialmente a distância" adotadas pelos consumidores nos atos de consumir. É esta a indicação metodológica deixada por Michel de Certeau: na pesquisa sobre práticas e usos de bens diversos (produtos do mercado, mas também idéias, valores, crenças, etc.), é preciso se voltar para as "criações anônimas" e "perecíveis" que proliferam na vida cotidiana – que os portadores da cultura dita erudita pretendem afastadas de seu meio, mas não se tratando de enxergá-las como "cultura popular"... –, ali onde a consumação altera o objeto, ressignificando-o, acomodando-o a novos interesses.

As análises de Michel de Certeau sobre o cotidiano, orientadas por sua hipótese central, revelam – no rumor da vida coletiva e sob a realidade massiva dos poderes e das instituições, mas sem ilusões sobre o seu funcionamento – as "microresistências": "microresistências que fundam microliberdades" (Giard). Microresistências mobilizadoras de recursos inimagináveis, escondidos em gente simples, comum. Recursos ocultos muitas vezes bem debaixo do nariz do poder, dando força à massa anônima e a sua subversão silenciosa. Gente agindo como toupeiras, minando os edifícios bem instalados da moral e da lei, sem objetivos políticos determinados. Pequenas subversões sem propósitos, mas que temperam o cotidiano de "maravilhas" como "festas efêmeras que surgem, desaparecem e voltam". (*Le quotidien est parsemé de merveilles, écume aussi éblouissante (...) que celle des écrivains ou des artistes.*)

A crença na liberdade das práticas anônimas, "sem nome próprio", mesmo quando reduzidas ao silêncio, e o olhar sensível aos movimentos das resistências, mesmo mínimas – mas, como claros na noite, surpreendes, perturbadoras –, constituem, na obra Michel de Certeau, instrumentos da pesquisa capazes de permitir enxergar o que se passa nos minúsculos espaços sociais em que as táticas silenciosas e sutis jogam com o sistema dominante. Instrui-nos Certeau, na cultura ordinária, cotidiana, "a ordem é jogar", isto é, por meio da astúcia, driblar o sistema, fingir seu jogo. O sistema? Este às vezes "fecha os olhos". Assim, no próprio interior da ordem instituída, anuncia-se a resistência à reprodução uniformizante.

Historiador, leitor dos textos místicos e conhecedor das histórias humanas, Certeau sabia que "jogar" com a ordem estabelecida constitui, desde sempre, uma espécie de defesa humana contra as imposições sociais, dado antropológico do viver em sociedade. E que essa ordem tenha sido ontem a ordem de poderes que se fizeram apoiar em verdades divinas a seguir ou, hoje, a ordem do mercado capitalista a inculcar em todos a idéia de que tudo se

reduz a produtos a consumir. Os mecanismos de resistência são semelhantes numa época histórica e noutra, pois a desigualdade permanece a mesma (velha fórmula para os de baixo: "os príncipes mudam, mas a dominação permanece a mesma"), os mesmos procedimentos de resistência servindo aos mais fracos e submetidos em diferentes períodos históricos ou situações existenciais. Do místico ao homem comum, driblar a autoridade, as verdades dogmáticas, os juízos aceitos, a rotinização da existência, funciona como uma espécie de "respiração" necessária para inscrever a novidade do dia na longa duração temporal, em todas as coisas reafirmadas, inscrever a vida na morte (tema caro ao sociólogo Michel Maffesoli, sobre quem não se pode deixar de lembrar as aproximações com Michel de Certeau). Artes do agir (*les ruses*) que acompanham o homem desde tempos imemoriais, enraizados no seu passado histórico, funcionando como arquétipos, longa memória do inconsciente coletivo (Jung). (Não tão antigos como a noite dos tempos da humanidade, mas podem servir de exemplos, curiosos grafitos encontrados nos muros de Pompéia antiga, antes do Vesúvio, exprimem essas "artes de fazer" cotidianas que constituem as astuciosas manobras praticadas no cotidiano para o enfrentamento das imposições sociais, morais, religiosas. A literatura árabe de contos e poemas é rica em exemplos ... *Mil e uma Noites*, Hâfez Shirâzi, Abû-Nuwâs, Al-Hamadhânî, entre outros). Na obra de Michel de Certeau, é verdade, essas "artes de fazer" mais configurariam o objeto de uma "teoria das práticas cotidianas" que propriamente um objeto político, como vamos encontrar nas análises de Michel Maffesoli: a astúcia, o jogo como espécie de senso comum político do agir e das relações entre desiguais: como agir na desigualdade com os poderosos? Como agir face à força do sistema, mas sem confrontá-lo? (Maffesoli, *La transfiguration du politique*).

Com sua "teoria das práticas cotidianas", Michel de Certeau trouxe para o centro da análise sociológica do cotidiano práticas desdenhadas, por intelectuais dogmáticos e puristas, como "secundárias", "sem importância", juntando-se a uma produção teórica que valoriza a análise da vida cotidiana, ainda que sob prismas divergentes: Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Guy Debord, Henri Lefebvre, Michel Maffesoli. Mas talvez seja abordando o tema da "antidisciplina" que Michel de Certeau nos ofereça uma de suas melhores contribuições. Ao ver nas "maneiras de fazer" dos "consumidores" (ou "dominados"?, pergunta-se o próprio Certeau) mais que apenas relações entre indivíduos e coisas a consumir, o autor fornece elementos para uma verdadeira teoria da contraparte da dominação. Essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se apropriam do espaço social e seus produtos através de maneiras "quase microbianas", que proliferam no interior das estruturas do sistema, modificando seu funcionamento, mas também deturpando-o, ressignificando-o, lesando-o.

Assim, não se trataria mais precisar como "a violência da ordem se vale de tecnologia disciplinar" (Foucault), mas de ver nas "táticas articuladas nos detalhes do cotidiano" uma espécie de *sabedoria* milenar orientando o enfrentamento da uniformização e do controle pretendidos pelos poderes e administradores que intentam governar em nome de um saber superior e do "interesse comum". Essas táticas, essa sabedoria compõem os procedimentos que o falante de língua francesa chama de *ruses* (astúcias) ... e, nos diz Certeau, "*compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina*" (*L'invention du quotidien*)

Sabedoria, táticas, artes de fazer, maneiras de utilizar o sistema e suas imposições dogmáticas, constituindo resistências ou ao menos "manobras" entre forças desiguais. Estratagemas dos dominados que o autor chamará de "trampolinagem" ("*que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim*", *L'invention du quotidien*). Maneiras de jogar e fazer de conta jogar o jogo do outro (do sistema). Não se trata aqui da celebração do fim do contrato social, do cinismo, mas apontar como, na vida cotidiana, os mais fracos empreendem seus combates – silenciosos e sem propósitos políticos bem aceitos – para virar as regras de um contrato coercitivo favorável apenas aos fortes. Aí onde "*se manifesta a opacidade da cultura dita popular – a rocha negra que se opõe à assimilação*" (*L'invention de quotidien*).

Michel de Certeau indicará também a pretensão de colonizar essas "artes de fazer" que conservam os poderes de todas as épocas. É certo que de mil maneiras o sistema e seus poderes procuram domesticar essa potência de "artes" e "táticas", aliás, vista como "reserva popular". Táticas que são saberes sem discurso, sem escritura, solidários de operações múltiplas e anônimas, excluídos pelos saberes da administração e do controle, mas não menos criadores e subversivos por isso.

Saberes e artes de fazer que irritam e estimulam a domesticação, mas também anunciam e apelam à criação engenhosa, dando esperanças de que, nos interstícios dos códigos impostos, toda uma série de táticas subterrâneas possa dar vida a ações sem autores e sujeitos sem nome, demolindo as verdades de discursos morais, políticos e tecnocráticos que intentam fabricar o conformismo. Uma sociologia da vida cotidiana é também uma política da vida cotidiana.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *L'étranger, ou l'union dans la différence*. Paris, Desclée De Brouwer, 1991

___________________. *La possesion de Loudun*. Paris, Gallimard, 1990

___________________. *La culture au pluriel*. Paris, Seuil, 1993

___________________. *L'écriture de l'histoire*. Paris, Gallimard, 1984

___________________. *La fable mystique XVIe.-XVIIe.* Paris, Gallimard, 1987

___________________. *L'invention du quotidien, t. I: arts de faire*. Paris, Gallimard, 1990

___________________. *L'invention du quotidien, t. II: habiter, cuisiner*.Paris,Gallimard, 1990

DEBORD, Guy. *A sociedade de espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997

______________. *Perspectivas da transformação consciente da vida cotidiana*. Paris, Internacionale Situationiste, nº 6, 1961 (Disponível na Internet pelo Archivo Situacionista Hispano)

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1978

__________________. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1977

__________________. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979

__________________. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense-Univesitária, 1986

MAFFESOLI, Michel. *La conquête du présent: pour une sociologie de la vie quotidienne*. Paris, Desclée De Brouwer, 1998

___________________. *La transfiguration du polique.* Paris, Le Livre de Poche, 1995

___________________. *Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse*. Paris, Le Livre de Poche, 1991

___________________. *Du nomadisme: vagabondages initiatiques*. Paris, Le Livre de Poche, 1997

(Publicado em SOUSA FILHO, A. Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do cotidiano. Sociabilidades. São Paulo/SP, v.2, p.129 - 134, 2002. ISSN: 1679-0251)